

ENTREVISTA COM A ESCRITORA BRASILEIRA SANDRA GODINHO

José Benedito dos Santos¹

A escritora Sandra Godinho já publicou 11 obras, três livros de contos e oito romances, cujas obras já começam a ser objeto de pesquisas. Sua produção literária aborda diferentes temáticas, como êxodo rural, migração nordestina, a utilização da religião como instrumento de ascensão social, desmatamento da Amazônia, biopirataria, a violência do regime militar contra os indígenas, a relações de poder, racismo e xenofobia, bem como feminicídio. Além do mais, a autora é colunista da Revista Amazônia Latitude, em que assina a série Pensando a Amazônia pela Literatura.

Sandra Godinho é Graduada em Letras - Língua Inglesa, mestre em Letras (Estudos da Linguagem) pela Universidade Federal do Amazonas. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira (AILB), com sede em Nova Iorque/EUA, paulista, radicada em Manaus, no Amazonas.

Em 2019, recebeu pelo livro de contos *Orelha Lavada, Infância Roubada* Menção Honrosa no 60º Prêmio Literário Casa de Las Américas. No Brasil, Godinho foi agraciada com o prêmio Cidade de Manaus durante três anos seguidos em categorias literárias diferentes. Em 2019, *O Verso do Reverso* — contemplado com o Prêmio Literário Cidade de Manaus, na categoria Melhor Conto Regional. Já em 2020, *Tocaia do Norte* foi agraciado com o Prêmio Literário Cidade de Manaus/2020, na Categoria Melhor Romance Nacional, também finalista do Prêmio São Paulo de 2021, e *A Morte é a Promessa de Algum Fim* agraciado com o Prêmio Literário Cidade de Manaus/2021, na Categoria Melhor Romance Nacional e com o Prêmio Focus Brasil NY/AILB 2022. Em 2023, o livro de contos *Nós, cegos* (ainda inédito) foi agraciado com o Prêmio Carolina Maria de Jesus.

Revista Decifrar: O escritor José de Alencar, na obra *Como e por que sou romancista* (1893), explica os motivos de ele ter se tornado escritor. Você pode explicar o porquê se tornou contista, poeta, romancista?

¹ Doutor em Literatura pela Universidade de Brasília (UnB). Professor Efetivo de Língua Portuguesa da Secretaria de Educação do Estado do Amazonas (SEDUC/AM). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Literaturas de Língua Portuguesa – GEPELIP, da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e do GES (Grupo de Estudos Semióticos, Literatura, Cultura e Outras Artes), da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Manaus – Amazonas. E-mail: profbenesantos@hotmail.com. <http://lattes.cnpq.br/8412446490905383>

Sandra Godinho: Dois motivos principais me impelem a escrever; um deles é de foro íntimo: os incômodos causados pela vida ou pela morte, testemunha que sou do meu tempo; temas como as injustiças sociais, a invisibilidade das minorias, a falta, o excesso, os medos, os conflitos humanos, tudo é revisitado nas minhas narrativas. Minhas histórias são um legado de um determinado tempo-espaço. O segundo motivo é resgatar a literatura de autoria feminina, inferiorizada - ou ignorada - ao longo dos séculos. Nós, mulheres, trazemos temas e visões de mundo distintos da dos homens, nossas histórias enriquecem ainda mais esse caleidoscópio humano. A diversidade não só é desejada como bem-vinda.

Revista Decifrar: Entre as temáticas abordadas por você, podemos citar a resistência das personagens femininas aos silenciamentos, preconceitos, desigualdades de gênero, raça e classe. O que mudou para as mulheres nessas duas primeiras décadas do século XXI?

Sandra Godinho: Acredito que a voz feminina esteja sendo resgatada de certa forma. Há iniciativas acontecendo nesse sentido, tanto da parte do mercado editorial, com chamadas exclusivas para as mulheres, quanto da parte governamental, com iniciativas como o recente Prêmio Carolina Maria de Jesus, do Ministério da Cultura. Esse “reparo” acontece não só com relação às mulheres, mas também com relação às demais minorias. A literatura indígena pipoca em livros belíssimos, assim como a dos negros e da comunidade LGBTQIA+, o que só enriquece nossa literatura brasileira, tão diversa. A diversidade é nossa marca como povo e assim deve ser representada na nossa literatura.

Revista Decifrar: Como foi o processo de elaboração do seu primeiro romance *O poder da fé* publicado em 2016?

Sandra Godinho: Tudo começou com uma premissa: trabalhar o conceito da fé num curso rápido de roteiro que fiz no Rio de Janeiro, quando lá morava. No início, era algo ainda insípido, atravessado por um certo viés humorístico. A ideia não foi adiante, mas o tema permaneceu na minha mente. À medida que fui lendo a respeito, o assunto foi ganhando profundidade e seriedade. Desde a origem da ideia até a execução do livro, quase vinte anos se passaram. Ao longo desse tempo, pude acompanhar a proliferação de templos pentecostais por todo o país. O assunto é sério e deve ser tratado com a reflexão devida e que, a meu ver, ainda não se exauriu.

Revista Decifrar: Em seus contos e romances, percebemos que as “minorias” têm algo em comum: “[o]s olhares de um e de outro se cruzaram. Mesmo sendo diferentes, eram

parecidos, ambos traziam nas veias a mesma história de quem vive à margem”. Trecho do seu último romance *A segura dos ossos* (2023, p. 44). Como você explica essa “diferença” de olhares brasileiros urbanos e estrangeiros sobre a população mais humildes, em particular, sobre os povos que habitam na Amazônia Brasileira?

Sandra Godinho: Somos fruto de uma colonização baseada em exploração de recursos e escravidão, algo tão arraigado na nossa sociedade que ainda hoje sentimos suas consequências: as elites (e com isso não estou me referindo apenas à classe social abastada – o que também é -, mas a políticos, magistrados, militares etc.), que querem perpetuar o *status quo*, de privilégios. Como falar em meritocracia se uma criança estuda num colégio particular e pode se dedicar aos estudos de modo integral e outra da mesma idade tem de trabalhar nas horas extraclasse para ajudar no sustento da família? Precisamos de políticas públicas efetivas para sanar tais distorções, mas não só. Ações de benfeitorias, tais como investimentos privados e filantropia em universidades e empresas que favoreçam alunos em situação menos privilegiada são muito bem-vindas.

Revista Decifrar: A protagonista Clara do romance *O poder da fé* (2016) afirma: “Afinal, a identidade de uma mulher nunca foi a de uma só. Uma mulher como eu, por exemplo, é como um quebra-cabeças que precisa ser decifrado, podendo ser tão bonita quanto fria e tão perfeita quanto ambiciosa” (p. 29). Por sua vez, a personagem Lucilinda da obra *A morte é a promessa de algum fim* (2021) declara: “não quero ser doméstica nem domesticada. Quero aprender um ofício que me sustente a vida”. Em linhas gerais, suas personagens têm a consciência do feminino, nutre-se dessa consciência, reflete sobre sua condição. Como se dá esse processo de criação de personagens femininas ativistas?

Sandra Godinho: Acho que essa intenção visceral do ativismo feminino dialoga com o que discutimos anteriormente: resgatar um protagonismo que nos foi tirado durante esse tempo. Há uma demanda reprimida por histórias contadas por mulheres, de temas inerentes ao universo feminino, tais como desmistificar a maternidade, falar sobre nosso entendimento de mundo, nossos anseios e nosso papel diante do mundo atual, contar sobre a visão feminista do século XXI etc. Há muito ainda a ser dito e refletido sobre.

Revista Decifrar: Temas como (in)visibilidade, ancestralidade, xamanismo amazônico, biopirataria, destruição da floresta, garimpo ilegal, racismo, xenofobia, atravessam sua narrativa. De que maneira você acha que o romance *A Segura dos Ossos* (2023) serve como um instrumento para decolonizar essa visão que muitos brasileiros ainda têm sobre o papel

da mulher, do indígena, da própria Amazônia como um dos últimos refúgios para a sobrevivência da espécie humana?

Sandra Godinho: “O Brasil não conhece o Brasil” é um clichê, mas não menos verdadeiro. O brasileiro não conhece a realidade amazônica, os problemas que a Amazônia enfrenta, os meandros de negociatas realizadas com agentes locais que se beneficiam com o garimpo ilegal, com o tráfico de armas, de animais silvestres, de pesca ilegal e de drogas etc. É preciso falar da Amazônia, pô-la no centro do mundo. E denunciar. E refletir. E exigir. Há pessoas que a colocam como tema central nos seus debates, tal como a brilhante jornalista Eliane Brum, na Sumaúma, além do trabalho incansável de Marcos Colón na Revista Amazônia Latitude etc. Falar sobre a Amazônia é pensar em políticas de desenvolvimento sustentável e combater os que perpetuam o eterno estado de exploração ilegal dos seus recursos, privilegiando apenas uns e afetando diretamente outros, a maioria, tais como os povos originários e o meio ambiente.

Revista Decifrar: Em sua produção literária, conforme a pesquisadora Rita Barbosa de Oliveira (2023), observamos temas que “remontam às origens do patriarcado e que são desconstruídos pelos modos de narrar das mulheres escritoras que privilegiam a denúncia e a resistência das “minorias” aos formatos de relações sociais conservadoras” impostas pela sociedade patriarcal, pós-colonial e globalizada. Então, a literatura é um instrumento político eficaz para desconstruir a tese de que as mulheres não pensam, não falam, apenas, devem obedecer às regras do patriarcado?

Sandra Godinho: Totalmente. A ficção é uma mentira que fala verdades e, graças ao seu poder vicário, coloca o/a leitor/a no lugar do narrador, enfronhando-o/a em realidades jamais vividas por ele/a. A ficção é uma poderosa aliada no exercício da Alteridade. Além disso, a literatura é uma ferramenta potente de entretenimento, de reflexão, de propagação da cultura e do resgate da nossa própria voz e da nossa própria História.

Revista Decifrar: Michelle Perrot, em sua obra *As mulheres ou os silêncios da história* (2005), observa que ainda subsistem “muitas zonas mudas e, no que se refere ao passado, um oceano de silêncio, ligado à partilha desigual dos traços, da memória e, ainda mais, da História, este relato que, por muito tempo, “esqueceu” as mulheres, como se, por serem destinadas à obscuridade da reprodução, inenarrável, elas estivessem fora do tempo, ou ao menos fora do acontecimento”. O que as mulheres escritoras amazonenses/brasileiras podem contribuir para

iluminar estas zonas mudas que, ainda persistem na história, em particular no campo literário brasileiro?

Sandra Godinho: As autoras amazonenses podem resgatar uma parte negligenciada do Brasil, com tudo o que ela representa: seu bioma, sua gente, seus costumes, sua cultura, sua comida, suas histórias e crenças.

Revista Decifrar: Qual é a sensação de ter sido convidada pela Revista Amazônia Latitude para assinar a coluna Pensando a Amazônia Pela Literatura?

Sandra Godinho: Eu me senti lisonjeada pelo convite e privilegiada por ter um espaço para falar sobre os problemas que afligem a região, mesmo que seja de forma ficcionalizada.

Cada conto aborda um tema específico ao mesmo tempo que é narrado por personagens envolvidos por dramas muito humanos. Luara é uma moça sofrida que dá a luz ao Filho do Boto. São eles que vão conduzindo as histórias e introduzindo os leitores nesse universo amazônico enquanto o rio Negro seca. Essa série pequena de contos inspirados nas mudanças climáticas acabou resultando num novo livro de contos. Falar dos problemas da Amazônia é mais que necessário. É urgente!

Revista Decifrar: O romance *Tocaia do Norte* (2020) denuncia o genocídio contra a etnia Waimiri-Atroari pelos militares na década de 1970/1980, no Amazonas. O narrador João de Deus verbaliza: “Se hoje me proponho a falar é por medo de esquecer”. Para você, é importante resgatar, via literatura, as atrocidades cometidas contra os povos originários da Amazônia/Brasil negligenciadas pela história oficial?

Sandra Godinho: Sem dúvida. Nossa história precisa ser revisitada para desmistificar as narrativas contadas pelo olhar do colonizador. Do opressor. Da classe dominante. Do patriarcado. Sempre.

Revista Decifrar: Quais são as suas considerações finais, uma mensagem que você gostaria de transmitir para os leitores, com sua produção literária sobre os genocídios contra os povos originários da Amazônia? E sobre o projeto da tradução do romance *Tocaia do Norte* para a língua inglesa?

Sandra Godinho: Foi uma grata surpresa ser contemplada com a tradução do *Tocaia do Norte*, não só pela importância da história em si, mas por sua divulgação em língua inglesa. Relatar os massacres cometidos contra os povos originários é imprescindível, também os

excessos cometidos pela ditadura e as peculiaridades da região para reflexão é fundamental para que atrocidades assim não tornem a acontecer.

Recebido em: 09/05/2024

Aprovado em: 15/06/2024

Publicado em: 24/06/2024



10.29281/r.decifrar.2024.1a_24